



UnB

CEAM

Centro de Estudos
Avançados Multidisciplinares



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES (CEAM)
ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS, INFÂNCIA,
JUVENTUDE E DIVERSIDADE (EPPIJD)

NAYRALINE BARBOSA DE OLIVEIRA

PARTICIPAÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS NO
ESPAÇO DA ESCOLA: RELAÇÃO ENTRE O LUGAR
DE DISCIPLINA E EXPRESSÕES DE AUTONOMIA

BRASÍLIA

2022

NAYRALINE BARBOSA DE OLIVEIRA

**PARTICIPAÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS NO
ESPAÇO DA ESCOLA: RELAÇÃO ENTRE O LUGAR
DE DISCIPLINA E EXPRESSÕES DE AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Especialização
em Políticas Públicas para Infância e
Juventude da Universidade de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do título
de especialista em políticas públicas,
infância, juventude e diversidade

Orientador: Prof. Dr. Vicente de Paula
Faleiros

BRASÍLIA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

PARTICIPAÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS NO ESPAÇO DA ESCOLA: RELAÇÃO ENTRE O LUGAR DE DISCIPLINA E EXPRESSÕES DE AUTONOMIA

NAYRALINE BARBOSA DE OLIVEIRA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 14 de março de 2022 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas Públicas, Infância, Juventude e Diversidade. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelas(os) professoras(es) abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

(Prof. Dr^o Vicente de Paula Faleiros)

Prof.(a) Orientador(a)

(Prof. Dr^a Dayane Silva Rodrigues)

Membro titular

Dedico este trabalho às crianças, adolescentes e jovens que são silenciados pelo sistema que os exclui como protagonistas de sua história.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao Deus da vida, Mãe e Pai dos meus dias, por abrir caminhos e me fortalecer diante dos obstáculos e desafios. A minha família, que sempre foi rocha sustentadora dos meus sonhos e das minhas escolhas profissionais, me ajudando sempre a ver e agir com empatia diante de tudo que causa angústia ao meu coração.

Ao meu amigo, mentor e sociólogo Dr. Igor Assaf, que foi sabedoria e luz ao longo de todo o curso, contribuindo ativamente no meu processo de formação e me ajudando a acreditar no meu potencial.

Ao meu orientador Prof. Dr. Vicente Faleiros, pela leveza, abertura e companheirismo diante de todo processo de escrita e de desenvolvimento do tema, assim como, de muita sabedoria e paciência, me possibilitando total autonomia e protagonismo na produção do meu processo.

Aos professores e colegas do curso, pelo apoio, companheirismo e motivação constante. Muita gratidão principalmente a Ana Carolina, Laisa, Heloisa, Suelen e Quezia, minhas companheiras de trabalhos, de sonhos e de esperança, por serem alegria e abrigo quando mais precisei nesse tempo de mudanças e ressignificações da minha vida. Amo vocês!

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento neste tempo de estudo.

RESUMO

A partir da leitura dos autores que trabalham a educação como reprodutora de estrutura de dominação e reprodução social de desigualdades, este estudo analisa uma pesquisa que busca compreender se há, no sistema de ensino brasileiro, especificamente o privado, espaço para a construção do protagonismo e da autonomia dos estudantes. Para esse fim, a base bibliográfica e documental se baseia nos autores Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Paulo Freire, que abordam em suas teorias as dimensões da estrutura do sistema de ensino moderno que permite a reprodução da cultura dominante e a perspectiva do poder disciplinar como método que possibilita o pleno controle dos indivíduos, assim como, aborda o lugar da educação na formação dos/as estudantes através do conhecimento de sua realidade, trazendo a proposta de uma educação libertadora para não reprodução do autoritarismo em nossa realidade. Junto a isso, este trabalho ancora-se em uma análise de discurso sobre o projeto “Levante-se, Fale e Participe”, dados secundários obtidos por uma rede de ensino particular sobre o tema da participação de adolescentes e jovens na escola. Os resultados, nas falas dos/as participantes da pesquisa, mostram que a escola é um espaço contraditório que se estrutura como reprodução da desigualdade e do poder dominante, mas também um espaço de expressão do sujeito e de coletivos de adolescentes e jovens como educação libertadora quando se constroem lugares de fala e de diálogo para as/os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Participação, Adolescente, Jovem, Escola

ABSTRACT

From the reading of authors who work on education as a reproducer of the structure of domination and social reproduction of inequalities, this study analyzes a research that seeks to understand whether there is, in the Brazilian education system, specifically the private one, space for the construction of protagonism and of students' autonomy. To this end, the bibliographic and documental base is based on the authors Pierre Bourdieu, Michel Foucault and Paulo Freire, who approach in their theories the dimensions of the structure of the modern education system that allows the reproduction of the dominant culture and the perspective of disciplinary power as method that allows the full control of individuals, as well as addresses the place of education in the formation of students through the knowledge of their reality, bringing the proposal of a liberating education for non-reproduction of authoritarianism in our reality. In addition, this work is anchored in a discourse analysis about the project "Levante-se, Fale e Participe", secondary data obtained by a private education network on the theme of the participation of adolescents and young people in school. The results, in the speeches of the research participants, show that the school is a contradictory space that is structured as a reproduction of inequality and dominant power, but also a space for the expression of the subject and of groups of adolescents and young people as a liberating education when spaces of speech and dialogue are built for students.

KEYWORDS: Participation, Adolescent, Youth, School, Education

LISTA DE TABELAS

Quadro I – Escola como lugar de escuta e como lugar de silenciamento.....	25
Quadro II – Espaços de fala na Escola: Limites e Possibilidades	27
Quadro III A – Expetativas e propostas para a Escola	30
Quadro III B – Expetativas e propostas para a Escola	30
Quadro III C – Expetativas e propostas para a Escola.....	32
Quadro IV – Lugar de adolescente e jovem na Escola.....	33

Sumário

Introdução	10
Capítulo I: Das Teorias Críticas às Possibilidades Educativas	13
1. Teorias Críticas ao Sistema Educativo.....	13
1.2 Teoria da Reprodução: Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron	13
1.2.1 Teoria do poder Disciplinar: Michel Foucault.....	14
2. Teoria do Agenciamento do Sujeito e das possibilidades educativas.....	16
2.1 Educação Libertadora: Paulo Freire.....	16
Capítulo II: Pesquisa Levante-se, Fale e Participe	18
1. Universo da Pesquisa.....	18
2. Método de coleta e análise de dados.....	20
Capítulo III: Escola, um espaço contraditório de reprodução, disciplina e autonomia na voz dos/as estudantes	23
1. Resultados e Discussão.....	23
2. Opressão, Estrutura e Autonomia.....	24
3. Limites e Possibilidades.....	26
4. Expectativas e Desejos.....	28
5. Lugar do/a Adolescente e Jovem.....	32
Considerações Finais	35
Referências	37

Introdução

Pergunte para uma série de adolescentes e jovens a respeito das razões pela qual eles/as devem frequentar a escola e entre variações, de uma entre infinitas possibilidades de respostas, esta deve ser a mais frequente: “para ser alguém na vida”. A educação formal ganhou tal centralidade na sociedade moderna no início do século XX que a escola, como importante agente de socialização (DEWEY, 2012; GIDDENS e SUTTON, 2013), assumiu na imaginação popular esse importante papel de “fábrica de futuro”.

Essa “fábrica de futuro” precisa adaptar-se e avançar em diferentes quesitos no que se refere ao fomento da participação de crianças, adolescentes e jovens em todo processo de planejamento e elaboração de ações dentro dos espaços da escola. Dentre os diferentes problemas relativos ao sistema público de ensino que o Brasil enfrenta desde o período da redemocratização, há uma questão relativa à formação de crianças, adolescentes e jovens para uma cidadania ativa e que incentive a efetiva participação de estudantes em instâncias representativas. Tal carência leva a escassez ou ausência de políticas públicas que efetivamente atendam às demandas desses públicos, devido a sua relativa invisibilidade para os formuladores de políticas.

Sendo assim, dada a complexidade das sociedades modernas, uma verdadeira integração social exige uma educação que ensine aos estudantes as habilidades necessárias para uma vida adulta integrada. No entanto, documentários como “Para o dia nascer feliz¹” (João Jardim, Brasil, 2005) e “Nunca me sonharam²” (Cacau Rhoden, Brasil, 2017) mostram como as promessas de uma escola inclusiva e democrática não foram cumpridas. Ambos os filmes mostram que diferentes contextos sociais e escolares levam a desenvolvimentos diferentes.

Por ser um espaço onde o/a criança, adolescente e jovem passa grande parte do seu dia, a escola deveria ser um lugar de acolhida e de relações que possibilitassem, não somente a reprodução de conteúdo curricular, como também, a coparticipação no processo de desenvolvimento e formação, através da perspectiva da participação ativa e lugar de fala. Porém, o protagonismo estudantil é um problema a partir do momento que percebemos que a escola continua repetindo “velhos paradigmas” para um “novo aluno”, principalmente ao se levar em conta o advento da massificação da educação básica no

¹ Para o dia nascer feliz. Direção: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini. Brasil: 2005.

² Nunca me sonharam. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Luana Lobo. Brasil: 2017.

Brasil nas últimas décadas, o que trouxe consigo um novo perfil de estudante: vindo das periferias, preto e pobre.

Assim, o sistema educacional, em grande medida construído para uma classe média branca, mantém suas características fortes de exclusão e reprodução de desigualdades sociais (ARROYO, 2015) e se recusa a mudar. Mais do que isso, ele se recusa a considerar o espaço onde atua. Com isso, o trabalho direto e democrático com crianças, adolescentes e jovens na escola somente se dará a partir do momento em que a estrutura escolar romper com os muros que as cercam e atuarem junto aos estudantes, incentivando que eles/as rompam com as estruturas excludentes, participando democrática e ativamente em sua sociedade.

Partindo dessa análise, o entendimento sobre o sistema educacional pode ser abordado através de duas perspectivas: uma primeira que demonstra como as críticas a esse sistema estão fundamentadas na autonomia do sujeito e no caráter reprodutor e repressor da educação, as Teorias Críticas ao Sistema Educativo e, numa segunda perspectiva, abordagens que demonstram que a educação formal também pode atuar a favor dessas autonomias, rompendo com o ciclo de reprodução, as Teorias do Indivíduo e das Possibilidades Educativas.

Na perspectiva das Teorias Críticas ao Sistema Educativo, Pierre Bourdieu (1992) e Michel Foucault (2014), abordam em seus estudos as dimensões da estrutura do sistema de ensino moderno que permite a reprodução da cultura dominante e a perspectiva do poder disciplinar como método que possibilita o pleno controle dos indivíduos. Essas teorias críticas ao sistema educativo têm como foco o sistema social e o papel da escola dentro dele, nenhum apresentando alternativas a respeito do funcionamento das instituições de educação.

Sobre Teorias do Indivíduo e das Possibilidades Educativas, autores como Paulo Freire (2020) estudam o papel da educação na perspectiva da agência individual e coletiva, como os círculos de cultura, rompendo com as posições críticas mais estruturalistas, propondo uma compreensão de educação que pode romper com sistemas sociais excludentes. Nesta perspectiva, Freire, que ao criticar a pedagogia tradicional como uma “educação bancária” e opressora, propõe os fundamentos de uma educação libertadora.

Partindo desses dois caminhos, a análise documental sobre a crítica ao Sistema Educativo e suas possibilidades contribuirá para o entendimento de um material, produzido por uma instituição confessional católica, sobre a escuta de alguns estudantes, a partir de um projeto nomeado como “Levante-se, Fale e Participe”, ação

que ouviu setenta e um (71) adolescentes e dezessete (17) jovens de diversos estados do país. A motivação para a estruturação do projeto se deu em comemoração ao 30º aniversário da assinatura da Convenção sobre os Direitos da Criança, em 2019.

O projeto tem como objetivo promover a escuta de adolescentes e jovens das Províncias e Distritos do Instituto Marista (IM), para que o conteúdo da escuta desses sujeitos contribua com a elaboração de um documento único para a instituição, que defina critérios e sugira linhas de ação, bem como para incentivar a reflexão, participação e o empoderamento de adolescentes e jovens sobre o direito à participação nos espaços da ação educacional.

Assim, a partir da construção do relatório final dessa escuta, o presente estudo analisará as falas dos/as participantes para responder ao seguinte problema: sobre educação e participação democrática de adolescentes e jovens no ambiente escolar: há lugar para criatividade e reconhecimento? Com isso, realizarei uma análise sobre o papel da escola na promoção do protagonismo de adolescentes e jovens, na perspectiva da participação como forma de transgressão da normatividade.

Nas próximas páginas será realizado uma revisão dos três autores principais e suas teorias, a fim de demonstrar como as críticas ao sistema educativo estão fundamentadas na autonomia do sujeito e no caráter reprodutor e repressor da educação, o que será nomeado de Teorias Críticas ao Sistema Educativo. Ao mesmo tempo, abordarei teóricos que demonstram que a educação formal também pode atuar a favor dessas autonomias, rompendo com o ciclo de reprodução, o que chamo de Teorias do Indivíduo e das Possibilidades Educativas.

Capítulo I: Das Teorias Críticas às Possibilidades Educativas

1. Teorias Críticas ao Sistema Educativo

1.2 Teoria da Reprodução: Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron

Bourdieu e Passeron (2014), ao estudar a educação francesa nas décadas de 60 e 70 do século XX, apontam que, apesar do suposto caráter progressista, o sistema educativo é na verdade reprodutor e legitimador das desigualdades sociais. Indivíduos provenientes das camadas da classe baixa ingressam no sistema de ensino com defasagens e tais demonstram ser desvantagens na trajetória escolar. Como destacam os autores:

[...] os estudantes também são seu produto [do sistema educativo] e não há categoria social na qual as condutas e as aptidões apresentadas levem com tanta intensidade a marca das aquisições passadas. [...] a predisposição, socialmente condicionada, a adaptar-se aos modelos, às regras e aos valores que regem a escola, todo esse conjunto de fatores que faz com que se sinta “em seu lugar” ou “deslocado” na escola e que seja percebido como tal determina, apesar de todas as aptidões iguais, uma taxa de sucesso escolar desigual segundo as classes sociais [...]. (BOURDIEU e PASSERON, 1992, p. 29)

Para Bourdieu e Passeron (1992) a ação pedagógica é “força pura e pura razão”, pois recorrem aos meios de imposição do que se é apresentado. Assim, essa ação pedagógica se impõe por essa relação de força que é imposta pelo sistema, não levando em consideração espaços de troca de relações. É arbitrária porque não reside numa “natureza humana” ou numa “natureza das coisas”. Com isso, tudo que é imposto se confunde com uma arbitrariedade que torna-se eterna nos significados das relações.

Os autores propõem que essa exclusão partia de uma hierarquia “de ordens de ensino” que dividiam extremamente estas escolas em ensino “primário e secundário”, implantando a cultura para os mais desfavorecidos de que os mesmos não faziam parte do “acesso” à escola, dentro da própria escola, ou seja, não seriam capazes de exercer as profissões estabelecidas, como se tivessem sido criados somente para as profissões “manuais”, sendo a escola meio pelo qual somente as “não manuais” eram ensinadas. Porém, essa estrutura do sistema de ensino francês sofreu transformações após os anos 50 do século XX, foi modificada e atualizada dando oportunidades de inserção das categorias sociais até então excluídas dentro do meio educacional: artesãos, comerciantes, agricultores e industriais.

É necessário destacar, no entanto, que esse processo ainda não foi unificado na reflexão sobre “escolas para todos”, principalmente quando falamos de “limitações dos sujeitos” e diversidade. A presença dessas limitações e diversidades nos grupos existentes na escola faz parte do estudo pretendido. Em especial como se dá a disputa pela hegemonia do "campo escolar": o processo de “disciplinamento” de alguns adolescentes e jovens mais resistentes a estrutura escolar e o acompanhamento da relação professor/aluno por parte da gestão. Neste sentido, nos parece conveniente compreender como ocorre a disciplina escolar, o que nos leva ao próximo teórico.

1.2.1 Teoria do poder Disciplinar: Michel Foucault

Michel Foucault (2014) critica a escola como um agente de socialização que vigia e pune transgressões a ordem imposta pelo poder nas sociedades modernas, comparando a estrutura escolar a de presídios, conventos e quartéis: a escola garantiria a ordem e a disciplina, da mesma forma que essas outras instituições. Segundo ele, as disciplinas, “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2014. P.135) se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação,

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (IDEM, p. 135)

Foucault (2014) analisa o conceito de disciplina partindo da ideia de docilidade do corpo. Para o autor há vários métodos para se tentar disciplinar o corpo, em diversos aspectos. Analisa ainda que há um investimento imperioso e urgente em tornar esse corpo rápido, controlável e a partir de uma modalidade que o faz movimentar-se de maneira manipulável no espaço e tempo onde se encontra.

Para ele a disciplina utiliza da força do corpo para fabricar submissão e docilidade, aumentando as forças desse corpo em termos econômicos de utilidade e diminuindo essas mesmas forças em termos políticos de obediência, ou seja, faz do corpo e sua disciplina uma “aptidão”, uma capacidade que procura aumentar e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso, fazendo dela uma relação de sujeição

estrita.

As referências trazidas pelo autor vão da escola ao convento, espaços que habilitam a técnica da disciplina como meio de se chegar ao objetivo verdadeiro da instituição: ensinar algo. Nas escolas, por exemplo, a disciplina aparece como principal meio de se chegar ao aluno, colocando-o como sujeito que apenas recebe conhecimento, e só consegue recebê-lo se estiver disciplinado para tal ação. Se essa disciplina não acontece, o aluno (criança, adolescente ou jovem) torna-se um sujeito estigmatizado pelo professor que não conseguiu tê-lo enquanto indivíduo que responde aos “seus comandos”.

Reproduzindo as relações de poder, o diálogo em sala de aula e/ou em outros espaços de sociabilidade dentro da escola, dificultará a troca de conhecimentos, especificamente em relação ao aluno para com o professor e enquanto sujeito participativo no processo de ensino e aprendizagem. Com isso, a trajetória disciplinar desse sujeito se tornará um reflexo dessa dominação inculturada por um currículo arbitrário e construído numa hierarquia que não produz um diálogo interdisciplinar, onde há uma troca de conhecimento e capital cultural.

Com isso, pensando na possibilidade de uma autonomia desses estudantes na construção do seu conhecimento, há possibilidades de se pensar uma educação com mulheres e homens capazes de comparar, valorizar, intervir, escolher, decidir e romper com um sistema educativo que os exclui enquanto sujeitos participativos e autônomos. É por isso que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico (e disciplinar) é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o caráter formador” (FREIRE, 2021. P. 34).

Assim, apresentarei possibilidades de uma educação libertadora, a partir da teoria Freiriana, que nos mostra caminhos para um ensino que parte do agenciamento do sujeito, da sua pertença e lugar de fala nos processos e lugares formativos onde se constroem enquanto indivíduo pensante e protagonista.

2. Teoria do Agenciamento do Sujeito e das Possibilidades Educativas

2.1 Educação Libertadora: Paulo Freire

Contrapondo Foucault e Bourdieu, através de uma perspectiva não estruturalista, mas estrutural, onde os sujeitos agem, há uma discussão sobre uma pedagogia que nasce da luta pela libertação do homem, preconizando um trabalho educativo que respeite o diálogo e a união entre ação e reflexão. Paulo Freire (2020) apresenta um método que possibilita desenvolver a capacidade do indivíduo, coletivos e grupos, de ressignificação do seu lugar no seu próprio espaço de saber, dialogando sobre as possibilidades de como o sujeito pode ser protagonista de sua própria história:

O homem se reconhece como sujeito que elabora o mundo; nele, no mundo, efetua-se a necessária mediação do autorreconhecimento que o personaliza e o conscientiza como autor responsável por sua própria história (FREIRE, 2020. P. 23).

Nesta perspectiva, Freire analisa esse lugar a partir de um método que qualifica o processo de aprendizagem através de uma pedagogia que se impõe pensar e viver “a educação como prática de liberdade”, um método que “conscientiza e politiza”. Participar da ambiência de uma escola nos possibilitar ter várias visões sobre ela. Primeiramente, conseguimos vê-la como uma estrutura que proporciona aprendizagem e conhecimento. Depois, percebemos que nesta ambiência encontram-se profissionais dedicados a “repassar” conhecimento para os sujeitos que estão ali para adquiri-los, sendo indivíduos “desprovidos” de conhecimento.

A partir desse ponto de partida, a pedagogia do oprimido nos possibilita entender quem são e como se dá a educação no processo de reflexão e autonomia desses sujeitos no espaço da escola,

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação da sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2020. P. 43)

Para explicar essa pedagogia, Freire nos faz refletir sobre a concepção “bancária”

da educação como instrumento da opressão. Através desta concepção ele nos explica como o sistema educativo ainda se encontra em lugar de oferecimento de uma educação que deposita, transfere valores e saber, e de como isso impede a construção de um conhecimento para além de processos de busca, mas também de participação e corresponsabilidade,

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. (IDEM, P. 81)

Assim, Paulo Freire, através do seu método, nos dá pistas de como a educação e sua estrutura, analisando todos os papéis e sujeitos envolvidos, têm possibilidade de se transformar num meio que possibilite uma visão e sentido humanista e revolucionário, apresentando sua ação na perspectiva de atuação da humanização e pensar autêntico entre educandos e educadores, infundida na crença do poder criador desses sujeitos. Uma das pistas do autor, que ele chama de uma pedagogia da autonomia, configura-se numa proposta educativa que propicie condições de,

Os educandos **em suas relações uns com os outros** e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser **social e histórico**, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (FREIRE, 2021 p. 42)

Essa proposta de assumir-se se baseia na assunção de nós mesmos como sujeitos protagonistas dos processos formativos de nossa própria história de vida. É ter a educação como aliada no conhecimento e na experiência histórica, política, cultural e social vivenciadas cotidianamente, na perspectiva de uma autonomia que contribua no processo educativo/social dos estudantes.

Partindo dessa fundamentação que aborda a teoria crítica Freiriana com possibilidades de uma educação libertadora e promotora da autonomia e protagonismo dos/as estudantes, apresentarei uma pesquisa realizada por um instituição confessional católica privada, nomeada como projeto “Levante-se, Fale e Participe”, dados secundários sobre o tema da participação de adolescentes e jovens na escola.

A pesquisa será apresentada a partir de alguns relatos e análises feitas sobre a fala dos/as estudantes de várias escolas que compõem essa instituição. O material trará

sinalizações sobre o entendimento dos/as adolescentes e jovens envolvidos/as na pesquisa, o reconhecimento sobre o seu lugar dentro da estrutura escolar e do que eles/as acreditam que possa ser uma escola acolhedora e “escutadora” dos/as estudantes que a compõem.

Capítulo II: Pesquisa Levante-se, Fale e Participe

1. Universo da Pesquisa

Motivados pela celebração do 30º aniversário da assinatura da Convenção sobre os Direitos da Criança, o IM lançou o projeto Levante-se, Fale e Participe, em novembro de 2019. O projeto tem como objetivo geral promover a escuta de crianças, adolescentes e jovens das Províncias e Distritos que compõem a instituição, para que contribuam com a elaboração de um documento único, que defina critérios e sugira linhas de ação sobre a temática da participação de crianças, adolescentes e jovens, bem como para incentivar a reflexão e o empoderamento desses sujeitos sobre o direito à participação nos espaços da escola. Enquanto objetivos específicos, o projeto tem como linhas de ação:

- Empoderar as crianças, adolescentes e jovens a serem defensores do direito de serem escutados/as;
- Incluir e permitir protagonizar crianças, adolescentes e jovens em assuntos de relevância institucional e de relevância pública;
- Fomentar nos/as educadores/as a reflexão sobre a temática da escuta e da participação de crianças, adolescentes e jovens;
- Realizar uma escuta qualificada.

Para o processo de escuta foi elaborado um instrumental que possibilitou o conhecimento sobre a opinião de crianças, adolescentes e jovens em relação ao exercício de seu direito à participação, nas diversas obras educativas do IM. Diante da situação pandêmica, apenas algumas unidades (escolas e centros sociais) foram envolvidas no projeto, respeitando os limites e as formas de organização impostas pelas legislações.

Segundo o Relatório Final do Projeto Levante-se, Fale e Participe (2021), participaram da ação:

Província I - sete (07) Colégios, cinco (05) Unidades Sociais e quatro (04) grupos de jovens;

Província II – três (03) Colégios/Escolas Sociais;

Província III – Comissões de Juventudes compostas por adolescentes e jovens ex alunos/as.

Os processos de escuta das crianças, adolescentes e jovens iniciaram após dois encontros formativos com os/as educadores/as que acompanharam o processo, ocorridos nos dias 10 e 24 de março de 2021. Desses encontros, participaram cerca de 35 educadores/as dos Colégios e Unidades Sociais das províncias do IM, além dos/as integrantes do Grupo de Trabalho (GT) do projeto nas províncias e do Grupo de Referência (GR) a nível de Brasil. O encontro com os/as educadores/as aconteceu na modalidade on-line, e teve como pauta a contextualização sobre o projeto Levante-se, Fale e Participe, a programação da atividade nas províncias do IM no Brasil, e a sensibilização sobre o tema do direito à participação de crianças, adolescente e jovens. Após esse momento formativo, iniciaram-se os processos de escuta.

Segundo o relatório, as metodologias empregadas pelos/as educadores/as no processo de escuta foram diversas; todas, porém, procuraram abordar, de forma lúdica e acessível o tema do direito à participação, a fim de proporcionar meios de facilitar a compreensão e o envolvimento dos públicos. Das diversas metodologias utilizadas, destacam-se: a contação de histórias, rodas de conversas, desenhos, pinturas, atividades de escrita, sensibilização com músicas, vídeos, trechos de filmes, leitura de poesias, recursos interativos, meditação a partir da técnica Mindfulness³ (Atenção Plena), dentre outros.

Foram escutadas crianças de seis (06) a oito (08) anos de idade e adolescentes e jovens de treze (13) a vinte e nove anos (29). Para este trabalho, utilizarei somente os dados levantados a partir da escuta dos/as adolescentes e jovens. Foram escutados/as setenta e um adolescentes (71) e dezessete jovens (17), conforme faixa etária já apresentada. Esse público é composto por alunos/as e ex-alunos/as das unidades inseridas no projeto. Alguns/as jovens ex-alunos/as já estão na universidade, porém, continuam na escola atuando como lideranças em um projeto chamado Comissão das Juventudes⁴. De acordo com os registros realizados, foi

³ Mindfulness é um estado natural da mente, acessível a qualquer pessoa, independente de gênero, idade, situação econômica ou social. Esse estado consiste no exercício de vivenciar o momento presente com mais foco e consciência, intencionalmente, numa atitude de maior aceitação e menos pré-julgamentos.(Disponível em: <https://mindfulnessbrasil.com/o-que-e/>)

⁴ As Comissões das Juventudes foram criadas em 2019 com o objetivo de ter um espaço de representação juvenil dentro da escola. São compostas por 7 adolescentes e jovens que representam todo o corpo estudantil das escolas.

possível identificar que os/as participantes se posicionaram de forma acolhedora em relação a proposta, dialogando de forma madura os temas atrelados a dimensão da participação. No entanto, também há registros das dificuldades enfrentadas diante do momento pandêmico, que pode ter influenciado no desenvolvimento da aprendizagem, autonomia, protagonismo e empoderamento dos/as estudantes.

2. Método de coleta e análise dos dados

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, descritivo, com adesão voluntária e espontânea, realizada em ambiente escolar com autorização e estímulo da Instituição. Os dados coletados serão expostos através da metodologia de análise de conteúdo de Bardin⁵. Foi feito por meio de entrevistas, que, como diz Minayo (2018) constituiu-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador/a e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação.

Estas entrevistas aconteceram no formato remoto e presencial, conforme já sinalizado, sendo as expressões gravadas e transcritas. A gravação aconteceu através da plataforma da Microsoft Teams, no formato de videoconferência, com os/as participantes e, presencialmente, através da metodologia de grupo focal. O material coletado passou pelas três etapas previstas na metodologia de Bardin, são elas:

Preanálise que trata-se de uma fase de organização dos dados com o objetivo de constituir o corpus da pesquisa. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p. 96). **A exploração de material**, que se baseia na etapa de codificação e categorização do material. Na codificação deve ser feito o recorte das unidades de registro e de contexto. As unidades de registro podem ser a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento ou o documento. No caso do estudo que segue, trabalhamos a partir de temas.

Por último, a terceira etapa, **o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação**. Nessa fase, os dados coletados foram tratados de maneira que pudessem ser significativos fazendo uso, em nosso caso, de quadros, estabelecendo,

⁵ A Análise de Conteúdo é uma técnica de análise de dados qualitativos muito utilizada. Com frequência, o livro Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, é citado como uma referência a este tipo de técnica. Por ser muito didático, ele facilita a sequência de tarefas e atividades a serem seguidas para fazer a análise dos dados qualitativos. (Disponível em: <https://www.academicapesquisa.com.br/post/an%C3%A1lise-de-conte%C3%BAdo-da-bardin-em-tr%C3%AAs-etapas-simples>)

a partir dos 04 eixos temáticos as categorias de análise da pesquisa, que segundo Bardin (1977, p. 117) emergem por meio de uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos”.

Assim, apresentarei as falas dos/as estudantes, dividindo-as através de quatro temáticas ou unidades de sentido levantadas, de forma qualitativa, sobre o entendimento e a perspectiva em relação aos espaços de participação dentro na escola. De maneira geral, sobre os resultados obtidos da escuta dos/as adolescentes e jovens, o relatório aponta que esses sujeitos entendem que participação tem relação com:

- Fazer parte de algo;
- Ter voz ativa diante da mudança;
- Comunicação;
- Partilha;
- Consideração;
- Participar é transformar;
- Instigar;
- Proporcionar espaços de escuta a diversos públicos;
- Expressão;
- Ter confiança para expressar a opinião;
- Sinônimo de protagonismo.
- Ter liberdade de expressão;
- Presença;
- Visão de coletividade;
- Espaço de deliberação;
- Participação pressupõe contribuição.

Partindo dessa análise geral, dividirei os resultados em quatro grandes temáticas que são apontadas nas falas dos/as participantes da pesquisa. São elas:

- 1- Opressão, Estrutura e Autonomia;
- 2- Limites e possibilidades;
- 3- Expectativas e desejos;
- 4- Lugar do/a adolescente e jovem.

No próximo capítulo, farei a análise das falas dos/as adolescentes e jovens fazendo referência às teorias já apresentadas e como elas respondem ao modelo de estrutura escolar apresentadas pelos/as participantes, analisando se houve grandes mudanças ou se a escola continua repetindo velhos paradigmas sobre o lugar de participação do/a estudante em sua estrutura. Farei uma introdução sobre a temática levantada, com algumas hipóteses a partir do conteúdo dos dados e, em seguida, apresentarei falas de alguns estudantes que fazem relação com o que será exposto nos temas.

Capítulo III: Escola, um espaço contraditório de reprodução, disciplina e autonomia na voz dos/as estudantes

1. Resultados e Discussão

Nas zonas de sentido, abaixo constituídas na análise de conteúdo, há expressões que pontuam a relação de adolescentes e jovens com a vida escolar, destacando-a de forma contraditória e conflituosa como um lugar de expressão do sujeito e, ao mesmo tempo de reprodução da estrutura dominante.

Segundo Souza (2018) a grande tensão do momento atual é equilibrar as dimensões que assolam a perspectiva da autonomia e do direito de voz e participação de adolescentes e jovens e o risco que isso pode acarretar ao desenvolvimento psicológico e social desses sujeitos. Essa visão pode estar atrelada especificamente ao processo de escuta desses públicos em situação de risco/violência, porém, podemos analisar também através da perspectiva de participação e voz ativa dentro de algumas instituições, como por exemplo, a escola.

Diante dos dados colhidos e sistematizados no relatório final do projeto Levante-se, Fale e Participe, a partir da escuta dos/as adolescentes e jovens, partirei da proposta de Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin para expor algumas questões que foram levantadas nas expressões e falas desses sujeitos, através das seguintes temáticas: Opressão, Estrutura e Autonomia; Limites e Possibilidades; Expectativas e desejos e; Lugar do/a Adolescente e Jovem.

Para isso, analisarei as falas relacionando-as às teorias de Bourdieu, Foucault e Paulo Freire, no que diz respeito às críticas ao sistema educativo e às possibilidades de uma educação pautada na autonomia e na livre participação nos processos que envolvem a formação integral dos/as adolescentes e jovens, através do protagonismo e escuta ativa. As falas foram sistematizadas no relatório através dos encontros presenciais com esses públicos e, através de videoconferências realizadas em virtude dos cuidados relacionados ao distanciamento social por conta da pandemia da COVID-19.

A primeira temática ou zona de sentido das falas expressa bem a relação entre estrutura, opressão e autonomia, conforme o item seguinte.

2. Opressão, Estrutura e Autonomia

Segundo o Relatório Final do projeto Levante-se, Fale e Participe (2021) para os/as estudantes, a participação nos diversos espaços da escola não existe ou não é dado a devida importância, pois eles/as apontam várias vezes em suas falas a necessidade de se criar espaços de discussão e diálogos dentro dessa estrutura.

Segundo Bourdieu (2017) o grande desafio sociológico no que se refere a dimensão da estrutura, em suas diversas facetas, reside em apreender em que medida há o acordo entre as categorias de percepção e de ação empregadas nos atos individuais e as estruturas de um espaço social, sendo tais categorias produto da incorporação destas estruturas. Na perspectiva da escola, há uma grande motivação para que os/as estudantes sejam protagonistas, ativos dentro da estrutura, porém, não há abertura e espaços para que esses sujeitos sejam formuladores de opinião e atores, categorizando uma frustração na formação desses públicos, relacionada a opressão e falta de autonomia na relação de participação na escola. Os/as estudantes reproduzem o discurso e se frustram com a falta dele na prática.

Esse discurso perpetua no caminho e etapas da vida formativa desses sujeitos. O Relatório apresenta a percepção de alguns participantes que são ex-alunos/as maristas e que agora estão em formação de nível superior. Eles/as destacam um impacto negativo no seu processo formativo, já na universidade, por perceberem pouca abertura a participação, se comparada a que tinham quando eram alunos/as. Eles/as adquiriram o discurso e reproduzem isso no seu processo formativo. Ou seja, destacam a abertura e a acolhida enquanto diferenciais da experiência marista, porém, o que se percebe nas falas dos/as estudantes escutados/as, é uma dificuldade em entender onde eles/as se sentem realmente considerados/as em suas falas e suas opiniões. Há um entendimento motivacional de que a estrutura escolar deve ser esse lugar que promove a autonomia dos sujeitos e oferece lugar de fala, mas os/as participantes não apresentam de forma efetiva quais são/e se existem os lugares na estrutura escolar que oferecem esse espaço participativo, não só consultivo, mas, deliberativo.

Assim, para que haja lugar de participação dos/as adolescentes e jovens no ambiente escolar, segundo os/as estudantes escutados/as, é preciso quebrar alguns paradigmas. Eles/as apontam para uma falta de proximidade nas decisões referentes

a sua formação pedagógica, como por exemplo, a elaboração do calendário escolar. Foucault (2014) nos aponta, para responder a essa questão, a perspectiva da disciplina, que permite o controle minucioso das operações do corpo, realizando a sujeição constante das forças do indivíduo, impondo-lhe uma relação de docilidade-utilidade.

Quando o/a estudante aborda a importância de participação em decisões onde antes não eram consultados entendemos a mecânica do poder que define como se pode ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. Com isso, os/as participantes afirmam que se sentem livres para se expressar, porém, não há espaço para isso. Abaixo, algumas falas que simbolizam a perspectiva de estrutura que os/as estudantes querem e a estrutura que eles/as estão inseridos.

Para não identificar as pessoas foram usadas as seguintes siglas: C= nome do/a adolescente ou jovem; A= nome do/a adolescente ou jovem; JC= nome do/a adolescente ou jovem; M= Masculino; F= Feminino; Idade; A= nome do/a adolescente ou jovem; JR= nome do/a adolescente ou jovem; V= nome do/a adolescente ou jovem; JC= nome do/a adolescente ou jovem; JR= nome do/a adolescente ou jovem; ES: Estado do Espírito Santo; BA = Estado da Bahia; COM. JU= Comissão das Juventudes.

Quadro I – Escola como lugar de escuta e como lugar de silenciamento

“A opinião do jovem é importante, pois é ele que passa pelos processos e mudanças dentro de um ambiente escolar, então não adianta alguém tomar decisão por nós. A opinião de pessoas adultas também é importante e eu não acho que uma opinião vá sobrepor-se a outra”.

C1 M 14 anos

“Para ser sincera, muitas vezes, não. As vezes as nossas expressões não são escutadas por conta de uma “tradição” ou definição pré-determinada. Na minha opinião, as coisas não podem funcionar assim. Estamos em constante mudança e adaptação, não há como evoluir sem que arrisquemos novos métodos. Sinto que o IM, às vezes prefere se manter na zona de conforto a escolher um novo sistema, novas datas, novos experimentos. Por favor, precisamos nos adaptar ao mundo e aos tempos, não dá para continuar sempre na mesma, né?”

A2 F 15 anos

“Coloquei que não, pensando num contexto geral. Penso que a opinião do jovem é muito invalidada. Minha família ouviria meu lado, mas na rua, em uma luta por alguma causa, eu sei que minha opinião seria invalidada por muitos, não digo

todos, mas pela grande maioria, porque tem muitas pessoas que se consideram mais sábias e que invalidam a opinião do jovem, pois acham que ele não viveu o suficiente para poder saber, que não tem vivência, não tem experiência e não pode se posicionar. Num contexto geral, acredito que não temos espaço para expressar nossa opinião por sermos invalidados.”

A3 M 16 anos

“Os alunos sentem que só em alguns lugares ou quase nunca possuem espaços para expressarem suas opiniões, pois muitas vezes são julgados quando expressam suas opiniões e por serem muito novos eles são taxados de não saberem muito ou nada dos assuntos abordados.”

A4 F 15 anos

“Há espaços que não cabe aos alunos, isso porque por vezes a estrutura não comporta, porque “já está decidido”, já há uma regra. Mas também, há sim espaços de participação na escola (PJM, Comissões...)”

JR5 F 16 anos

“Ter a oportunidade de discutir sobre “coisas que não eram discutidas” (ex: calendário escolar). O pedagógico é mais engessado, mas aos poucos há uma mudança. Na Universidade não consigo enxergar muitos espaços de participação. Isso foi um choque. Há os espaços na Universidade e as pessoas, mas são sempre as mesmas pessoas que estão decidindo. Virou um “gueto”. Não é um espaço aberto.” JC6 F 16 anos

“A comunidade IM nos permite se expressar através de momentos como esse, utilizando de representações do corpo estudantil para melhorar aspectos do colégio. No entanto, sinto que, embora tenhamos algumas referências, a juventude não encontra muito espaço para se expressar na sociedade atual, especialmente na área educacional”.

Estudante não identificado⁶

Fonte: Pesquisa de Campo

Na análise de conteúdo pode-se destacar que é preciso ter oportunidades para discutir, para expressar sua voz como pessoa e como coletivo estudantil, com ênfase nas opiniões expressas, apesar das expressões não serem escutadas.

3. Limites e Possibilidades de Expressão nos Espaços de Fala

Nessa temática ou zona de sentido, salienta-se que é necessário construir espaços de fala na escola, fora da sala de aula, que muitas vezes engessa a comunicação num determinado conteúdo, e ainda mais, impede a contestação por meio do autoritarismo e da apropriação da verdade pelo docente.

O grande limite, abordado pelos/as estudantes, entre seus anseios e o que a

⁶ Estudante que compartilhou sua resposta pelo chat. Não identificado.

escola oferece, é a intencionalidade do discurso institucional, que os/as convida para que sejam protagonistas em diversos espaços da sua vida e desenvolvimento escolar, e, ao mesmo tempo, a restrição de espaços que favoreçam esse protagonismo, seja pela consolidação da estrutura de um sistema opressor, seja por não serem levados em consideração por conta da faixa etária.

As falas deixam claro a falta de reconhecimento institucional sobre o papel dos/as estudantes como promotores dos seus direitos e como sujeitos que precisam de um lugar de fala, que precisam ser não somente escutados/as mas, considerados/as em suas opiniões. Essa proposição de lugar é mascarada pelo discurso institucional humanista, e que é adquirido pelos estudantes, de que “fazemos o que é melhor para o seu processo educacional”. Algumas falas apontam para o reconhecimento de que não são escutados/as, mas, que reconhecem, conscientemente, que a escola sabe o que de fato é “o melhor” para o seu processo formativo, mesmo que ele/a não se sinta ouvido/a no processo.

As instituições se mostram aparentemente preocupadas com o bem-estar da população, com uma cara humanista. Esta face é uma das condições de sua aceitação pelas classes dominadas. A face humanista esconde também o uso da violência, pela busca do consentimento, da aceitação, numa série de mediações organizadas para convencer, moldar, educar a compreensão e a vontade das classes dominadas. (FALEIROS, 2015, P. 45)

Ao mesmo tempo que os/as participantes apontam esse desafio limitador entre discurso e prática, os/as adolescentes e jovens apresentam possibilidades de espaços onde possam atuar e serem considerados em suas opiniões e falas. Mostram que grupos de representantes de sala, grêmio estudantil, dentre outros lugares, podem ser pontes de diálogo entre os sonhos e perspectivas dos/as estudantes e a gestão da escola, conforme próxima temática e falas.

Quadro II – Espaços de fala na Escola: Limites e Possibilidades

“Há espaço de fala que, a princípio, é efetivo, mas não dá para fazer tudo. Se o jovem quiser participar (na universidade), é preciso correr atrás, porque não é convidado, ou não se sente parte.

V1 M COM. JU 16 anos

“Falta reconhecimento das comissões locais, pelos professores. Ela fica como um projeto pastoral (de evangelização cristã) e não como um espaço da escola. Hoje não se consegue nem ver quais espaços que podemos participar no pedagógico, porque não conhecem quais assuntos existem lá”;

JC F COM. JU 17 anos

<p><i>“Depende da realidade, para mudar uma pequena coisa, precisa mudar a escola inteira”;</i> JR F COM. JU 17 anos</p>
<p><i>“Temos sim espaços para expressar nossa opinião sobre o que nos afeta na comunidade, mesmo que nossas falas, na maioria das vezes, não sejam levadas a sério”;</i> Estudante não Identificado</p>
<p><i>“Acredito que sim, mas a escuta, principalmente dos menos favorecidos, deveria ser melhorada. Todos os grupos sociais tem a capacidade de expressar suas opiniões, porém alguns grupos não são escutados, o que afeta a convivência em comunidade”;</i> Estudante não Identificado</p>
<p><i>“Em determinadas ocasiões, pois muitas vezes não somos consultados para decisões mais corporativas, mas que também nos afetam”;</i> Estudante não Identificado</p>
<p><i>“Não totalmente, acredito que não é promovida a participação em tudo, a participação não é instigada de forma correta, pois precisa haver mais transparência”;</i> Estudante não Identificado</p>
<p><i>“Fiquei em dúvida entre não e sim. Nem sempre temos um espaço, mas às vezes temos. Para mim fica sempre no meio termo, dependendo de onde você está. Me colocando, eu tenho um espaço que seria na escola, na minha casa, na minha família. Mas, olhando para outras pessoas que não tem a oportunidade de ter uma escuta, assim como estamos tendo, essas não tem lugar, nem mesmo na família ou na escola, não permitindo que se expressem sobre seus sentimentos”;</i> Estudante não Identificado</p>
<p><i>“Se pensarmos como espaço a nossa escola, eu penso que sim, pois temos espaço para conversar”.</i> Estudante não Identificado</p>

Fonte: Pesquisa de Campo

Os espaços institucionais são relacionais, envolvendo relações de poder e saber (FALEIROS, 2015) o que vem expresso na última fala citada: “nem sempre temos um espaço, mas às vezes temos”.

4. Expectativas e desejos de adolescentes e jovens para sua expressão

Essa temática ou zona de sentido se refere à subjetividade e intersubjetividade vivenciada na Escola. A partir das falas relatadas, os/as adolescentes e jovens

demonstram que embora não se sintam participativos nos processos de tomada de decisões, acreditam que tudo aquilo que é pensado, o é feito com o intuito legítimo de proporcionar o que há de melhor para eles/as. Isso nos mostrar o poder da opressão e reprodução apresentada por Bourdieu. Paulo Freire (2020) também nos aponta, a partir da pedagogia do oprimido, que esse reconhecimento que a estrutura dominante “faz” com o que é melhor para os dominados, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, os fazem temer a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la.

Eles apresentam o lugar dos representantes de sala como espaço propício para o exercício da autonomia e lugar de expressão. Apontam que os representantes precisam estar mais presentes e ser a “voz” das salas, não apenas ficar dedicado a levar e trazer agendas, anotar nomes e ajudar os/as professores/as em tarefas mais simples. Existe um viés mais político e de reivindicação latente que precisa ser potencializado.

Quanto a isso, a pedagogia Freiriana afirma que essa “dualidade do se libertar se instala na “interioridade” do ser, pois eles descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora” (FREIRE, 2021. P. 47). Ou seja, eles/as necessitam de representantes para responderem ao anseio de participação, mesmo não sendo eles/as mesmos a estarem à frente do processo. Responder ao discurso institucional do que seria participação, lugar de fala.

Sobre o espaço da escola, os/as adolescentes e jovens abordam em suas falas que uma escola acolhedora que valoriza todos os/as seus/as alunos/as e os múltiplos saberes precisa formular ações de participação em processos de ação coletiva, no qual se possa abranger cada vez mais alunos/as por seus “gostos” e potencialidades. Na percepção deles, esse diálogo entre os saberes proporciona um maior engajamento e, portanto, mais participação. Nesse sentido, eles/as já sentem que existem ações que sinalizam esse caminho, mas pedem que se criem mais espaços para que de fato, mais alunos/as participem.

Abaixo, algumas falas, com perfis diferenciados de estudantes, retratam esse anseio por novas experiências onde se sintam coparticipantes no processo do seu desenvolvimento formativo e de deliberação da estrutura escolar. Há perfis de

estudantes que continuam na estrutura da escola e de estudantes que já estão na universidade.

Quadro III A– Expetativas e propostas para a Escola

<p><i>Porque somos diferentes então nem sempre vamos concordar com tudo, precisamos expor os nossos pensamentos. Os adultos possuem uma visão um pouco mais antiga, sabe? Acho que por eles terem mais experiência com certas coisas, suas opiniões também são importantes. Porém, algumas vezes é preciso mudar a sua forma de pensamento, os tempos estão mudando;</i></p>
<p>ES 1 M 16 anos</p>
<p><i>Acredito que, embora tenhamos menos experiências de vida, nós - jovens - entramos no corpo social com inúmeras inovações. Trazemos perspectivas diferentes, conhecimentos não explorados por gerações antigas, portanto, nossas opiniões não podem ser negligenciadas. No entanto, creio que o melhor seria unir as experiências de vida dos adultos com as inovações dos jovens para, assim, criar uma "arma de participação".</i></p>
<p>ES 2 F 15 anos</p>
<p><i>“Mais espaços que possamos nos expressar. Mais momentos de debates como este, onde possamos falar”;</i></p>
<p>ES 3 F 15 anos</p>
<p><i>“Gostaríamos que fossem promovidos mais debates e mais momentos de transmissão de informação, onde poderemos expressar nossa opinião e mudar algumas coisas”;</i></p>
<p>ES 4 M 15 anos</p>
<p><i>“Não queremos ficar só sentados ouvindo, queremos debates onde possamos expressar nossa opinião”;</i></p>
<p>ES 5 F 15 anos</p>
<p><i>“Fazer atividades de forma didática com a nossa participação”;</i></p>
<p>ES 6 F 15 anos</p>
<p><i>“Podemos ter avaliações em forma de debate. Vai haver um aprendizado muito maior”;</i></p>
<p>ES 7 M 15 anos</p>
<p><i>Propostas de criação de um “grêmio estudantil seria uma ótima opção, assim como, também um conselho de classe dos alunos”;</i></p>
<p>ES 8 F 16 anos</p>
<p><i>“Uma semana que posicione a nossa opinião com mais intensidade”;</i></p>
<p>ES 9 F 14 anos</p>
<p><i>“Proponho que as pessoas sejam mais “mente aberta” e dispostas a debater e expor seu ponto e se for o caso admitir que estejam erradas”;</i></p>
<p>ES 10 F 15 anos</p>
<p><i>“Palestras abertas para toda escola durante algumas aulas”;</i></p>
<p>ES 11 M 15 anos</p>
<p><i>“Momentos como esse de escuta da opinião dos alunos”;</i></p>
<p>ES 12 F 16 anos</p>
<p><i>“Acho que se tiver compreensão dos dois lados, fica bom. Ambos se escutarem, professores e alunos.”</i></p>
<p>ES 13 M 14 anos</p>

Quadro III B – Expetativas e propostas para a Escola ⁷

<p><i>“Eu gosto muito da proposta dos representantes de turma. As reuniões com estes poderiam ser mais frequentes”;</i> BA1 M 14 anos</p>
<p><i>“Um jeito de se aproximar dos alunos e ver as demandas grandes que estamos tendo, talvez um apoio psicológico uma vez na semana para as turmas. Porém, principalmente espaços acolhedores para os alunos expressarem as opiniões”;</i> BA2 F 14 anos</p>
<p><i>“Grupos, específicos na escola, como: grupo de xadrez, grupo de teatro, grupo de conversa, grupo de jogos de tabuleiro. Assim ficaria mais fácil de convidar pessoas introvertidas para se expressar, pois todos em um grupo teriam algo em comum”;</i> BA3 M 15 anos</p>
<p><i>“A escuta; votações; reuniões e abertura para tratar sobre os assuntos e que nos de o espaço de tentar executá-las, se estas estiverem em um nível acima do vosso poder, porque, afinal, os alunos que dão sentido a escola, não é mesmo?”</i> BA4 M 14 anos</p>
<p><i>“Ter mais projetos como esses e ouvir o que todos tem a dizer quanto professores, quanto alunos, quanto direção, quanto jovens, quanto crianças, quanto pessoas apenas OUVIR E LEVAR A SÉRIO, acho que é são as palavras”;</i> BA5 F 16 anos</p>
<p><i>“O que propomos para que possamos expressar com mais força nossas opiniões e que estas sejam levadas em conta é nós sermos "mais ouvidos" e conseqüentemente, termos respostas e soluções”;</i> BA6 F 14 anos</p>
<p><i>“A opinião pode ser vista como um defeito para quem a diz, mas para isso tem que ter coragem para torná-las uma possibilidade de um ambiente melhor. Para isso se houver um bom diálogo já é um bom começo”;</i> BA7 F 15 anos</p>
<p><i>“Mais escutas diretas aos alunos. Diversas vezes falei com os professores para que minha mensagem fosse levada à direção. Sendo assim, acho que a direção tem o papel fundamental de ouvir diretamente dos alunos suas próprias opiniões e pensamentos”;</i> BA8 F 16 anos</p>
<p><i>“Projetos como esse. Onde o aluno seja visto como o protagonista e que seu protagonismo tem real efeito, por exemplo seria frustrante para um aluno do nono ano participar do projeto Levante-se e não ver as mudanças e as discussões do projeto mudando alguma coisa no ambiente acadêmico.”</i> BA9 M 14 anos</p>

Fonte: Pesquisa de Campo

Esses adolescentes querem ser levados em conta, serem protagonistas, com mais abertura de diálogo e de espaços para falarem de sua vida e de suas experiências.

⁷ O relatório aponta que foi realizado uma escuta com muitos estudantes da escola do IM inserida no estado da Bahia. As falas dessa tabela se referem a esses estudantes.

Quadro III C – Expetativas e propostas para a Escola – Comissão das Juventudes⁸

<i>“Espaços comunitários no território da escola; troca de experiência entre unidades. No Rio de Janeiro é mais difícil/tensa a participação política”;</i> COM.JU M 16 anos
<i>“Missões/voluntariado realizadas localmente ou regionalmente; evento da justiça do trabalho; fórum da comunidade”;</i> COM.JU F 16 anos
<i>“Voluntariado; projeto de cartas; encontro de formação de liderança da cidade; parlamento jovem”;</i> COM.JU F 19 anos
<i>“Participação político partidária, agremiações juvenis, grupos políticos, movimentos sociais, voto, ações culturais e esportivas, espaços de espiritualidade, ONGS e voluntariado”;</i> COM.JU M 17 anos
<i>“Criarem a sua própria autonomia, assumir o protagonismo que lhes é devido. Não esperar que outros façam, mas fazer você mesmo”;</i> COM.JU F 17 anos
<i>“O pedagógico tem “medo” de confiar no jovem. Acham que se derem responsabilidade para o jovem, vai virar bagunça.”</i> COM.JU F 16 anos

Fonte: Pesquisa de Campo

Como os/as adolescentes ouvidos/as, as jovens e os jovens querem assumir o protagonismo que lhes é devido, inclusive com participação política.

5. Lugar do/a Adolescente e Jovem na Escola

Os sujeitos escutados para o projeto apontam que a diferença geracional pode afetar no posicionamento de questões relacionadas as deliberações internas na escola, podendo causar um desencontro inicial, porém, esse desencontro é visto como potencializador das discussões e das motivações deles. Afirma também que o fato de ser uma escola confessional católica não interfere nas escolhas de temáticas que gerem discussões intensas. Na compreensão dos/as participantes, o fato da escola ser e expressar preceitos cristãos católicos não se impõe ou constitui como um fator impeditivo para que as discussões aconteçam. Carece, no entanto, de espaços mais propícios para debates, discussões e diálogos.

De modo geral, percebe-se que há divergências de entendimento sobre

⁸ O relatório aponta escutas com alunos e ex-alunos inseridos no projeto Comissão das Juventudes.

noções de participação por parte dos/as adolescentes e jovens, no entanto, há também a percepção do desejo de que essa participação aconteça de maneira mais efetiva, orgânica e processual e que de fato se sintam considerados/as em todas as etapas dos processos educativos que os envolvem, do planejamento até as tomadas de decisões mais deliberativas e não somente em momentos pontuais e projetos específicos.

Os/As participantes reconhecem a importância do seu posicionamento e fala nas decisões realizadas pela escola. Sabem que o lugar do/a adolescente e jovem como sujeitos participativos em todo o processo de desenvolvimento pessoal e social é de suma importância para se realizar uma educação pautada na autonomia e realidade de cada um/a. No Quadro seguinte um grupo de adolescentes expressa também necessidade de protagonismo fora da sala de aula, valorizando o Projeto.

Quadro IV - Lugar de adolescente e jovem na Escola

<p><i>“Mais projetos como o Levante-se, Fale & Participe e a PJM seriam excelentes para que dos jovens fossem ouvidos e que os mesmos participem ativamente da comunidade estudantil Marista”;</i></p> <p>BA3 M 15 anos</p>
<p><i>“Projetos como esse. Onde o aluno seja visto como o protagonista e que seu protagonismo tem real efeito, por exemplo seria frustrante para um aluno do nono ano participar do projeto Levante-se e não ver as mudanças e as discussões do projeto mudando alguma coisa no ambiente acadêmico.”</i></p> <p>BA3 F 15 anos</p>
<p><i>“Penso que participação é uma via de mão dupla. Os jovens devem sim, lutar e falar até serem escutados, porém é tão importante quanto que sejam construídos ambientes de diálogo. Com diálogo, empatia e amor podemos construir famílias, escolas e sociedades mais justas e com mais participação”;</i></p> <p>COM.JU F 16 anos</p>
<p><i>“Compreender o compromisso que têm com a mudança e construção da nossa sociedade. Não podemos somente esperar que os adultos nos convidem a participar. Precisamos”;</i></p> <p>COM.JU F 19 anos</p>

Fonte: Pesquisa de Campo

Adolescentes e uma jovem expressam que cabe um lugar a elas e eles na sociedade e não somente na Escola, devendo-se pensar na interação Escola/sociedade.

Considerações Finais

Na sociedade e na Escola o lugar de jovem e adolescente é socialmente construído na estrutura de poder e idades, e na dinâmica institucional de saber e poder (FALEIROS, 2015). Assim, é fundamental que os espaços de participação fora da sala de aula sejam pautados em num relacionamento pedagógico aberto ao diálogo.

Com isso, diante do exposto, o que podemos considerar como participação, em uma estrutura de ensino confessional católica, como movimento de lugar de fala e não de disciplinamento dos corpos dos principais interlocutores das ações na ambiência escolar, os/as estudantes? Há espaço para autonomia e criatividade desses sujeitos? Partindo dessas indagações, das falas dos/as estudantes que participaram da pesquisa Levante-se, Fale e Participe, primeiramente concluo que atualmente, a nova geração que nasce nessa juventude atual, sabe exatamente em qual lugar devem estar e em qual lugar estão, mesmo que não se sintam confortáveis com isso.

Esses sujeitos sentem uma necessidade de serem vistos/as e reconhecidos/as, principalmente em um espaço educacional que contribui para sua formação pessoal e social. Eles/as acreditam que é através dessa pertença a esse lugar, do reconhecimento desse lugar para com eles/as como sujeitos ativos na sociedade e na sua carreira estudantil, que eles/as poderão ser essa presença em outros espaços que exijam essa liderança deles/as. É a escola que possibilitará e impulsionará o processo de autonomia e reconhecimento na sua trajetória estudantil e de vida.

Para isso, os/as estudantes reconhecem que é através da participação e da escuta ativa que é possível construir uma educação que seja coerente com a história das pessoas, e que é possível fazer isso quando a estrutura escolar abre possibilidades de uma comunicação dialogal e constante com o seu público. Porém, esse avanço ainda caminha a passos lentos quando analisamos o real espaço em que os/as estudantes atuam: aqueles favoráveis para a estrutura escolar repressiva que assola o sistema educacional.

O discurso de uma promoção dos/as estudantes para que sejam protagonistas ainda é a marca legítima das instituições escolares, porém a prática na liberação de espaços participativos e atuantes ainda se restringe ao que é conveniente institucionalmente para a marca e identidade das escolas, principalmente nas escolas privadas. Contudo, os/as adolescentes e jovens evoluem, a cada dia, no

posicionamento de que precisam ser mais escutados/as e considerados/as nas decisões que envolvem a sua vida e desenvolvimento escolar, seja na instituição escolar, na família ou em outras relações construídas por esses sujeitos.

Assim, conclui-se que a escola ainda não avançou na proposta de inclusão e valorização do protagonismo de adolescentes e jovens nas decisões e ambiência escolar. O sistema educativo continua a ser uma instituição opressora que mascara discursos de espaços de conversa e de escuta dos principais interlocutores do processo educativo, porém na prática intimida e promove uma reprodução de lugar que não valoriza o/a estudante em sua integralidade e perspectiva de vida e sonhos quando se fala de carreira escolar e desenvolvimento humano.

Referências

- ARROYO, Miguel. **O DIREITO À EDUCAÇÃO E A NOVA SEGREGAÇÃO SOCIAL E RACIAL - TEMPOS INSATISFATÓRIOS?** *Educ. rev.* [online]. 2015, vol.31, n.3, pp.15- 47. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698150390>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1992.
- CATANI, Afrânio Mendes. **VOCABULÁRIO BOURDIEU/** (Orgs.). 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FALEIROS, Vicente de Paula. **Saber profissional e poder institucional / 11. Ed. – São Paulo: Cortez, 2015.**
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 69ª ed. – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do oprimido**. 74. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GIDDENS, Anthony. SUTTON, Philip W. 1938 – **Conceitos essenciais da Sociologia**. Tradução: Claudia Freire – 1 ed – São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- MACHADO, Amália. **Análise de Conteúdo de Bardin em Três Etapas Simples**. Disponível em: <https://www.academicapesquisa.com.br/post/an%C3%A1lise-de-conte%C3%BAdo-da-bardin-em-tr%C3%AAs-etapas-simples>
- MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra; MENDES, Rosana Maria. **A análise de conteúdo como uma metodologia**. 2016
- SOUZA, S. J (2008). **Criança e adolescente: construção histórica e social das concepções de proteção, direitos e participação**. In: *Crianças e adolescentes. Direitos e sexualidades* (pp.7- 15). São Paulo: ABMP e Childhood Brasil

UMBRASIL, União Marista do Brasil. **Relatório Final do projeto Levante-se, Fale e Participe.** 2021.